



João Vieira Lopes

# “É irrealista a expectativa de cobrança de taxa de IVA que o Governo colocou”

A Confederação do Comércio e Serviços Portugal (CCP) realizou no dia 10 de abril um seminário para discutir o papel do setor dos serviços na competitividade da Economia. A entidade liderada por João Vieira Lopes reuniu com várias associações setoriais com vista a propor uma aposta na internacionalização dos serviços e num rumo para o desenvolvimento do País. Em entrevista, o presidente da CCP, não deixa de alertar para os abordar os problemas atuais do País, nomeadamente da contração da Economia e dos números negros do desemprego.

Texto: **Isa Amaral\*** / Fotografia: **Paulo Lima** \*artigo feito em parceria com a revista Negócios & Franchising



**Quais foram as principais conclusões dos encontros que a CCP promoveu junto das associações setoriais convidadas para debater as oportunidades de internacionalização das empresas de serviços?**

Os serviços são no momento os elementos mais dinâmicos da nossa economia. São os que têm mais potencial de criar emprego e estão a introduzir significativamente inovação. Existe em Portugal, a tradição de considerar, a exportação ligada meramente à indústria e vemos que na dos serviços existe potencialidades de exportação. Pouca gente tem consciência, mas a área de exportação de serviços é das poucas em que existe uma balança comercial positiva em Portugal.

**Quando falamos em serviços, pensamos em recursos humanos mais qualificados, existem esses recursos para se integrarem nesse novo modelo de desenvolvimento?**

É evidente que este tipo de atividades potenciam emprego qualificado. Mas andamos a investir em licenciaturas e na formação das pessoas com pós-graduações, muitas delas financiadas no estrangeiro. Por outro lado, há um problema de mão-de-obra não qualificada. Mas temos serviços ao consumidor e às empresas e nessas áreas há espaço para esta mão-de-obra.

**Quais são os objetivos da iniciativa desta iniciativa da CCP?**

A CCP faz parte do Conselho de Internacionalização da Economia, o que é um avanço, porque até há alguns anos atrás estes conceitos restringiam-se à indústria. E nesse quadro pretendemos apresentar uma estratégia de internacionalização. Por outro lado, pretendemos também motivar o empreendedorismo nestas áreas, até porque estas não precisam de muito investimento inicial. São áreas que precisam acima de tudo de capital humano, talento, criatividade e num país que tem problemas de financiamento para o investimento, esta é uma das áreas que tem de ser exploradas para ultrapassarmos a situação atual.

**Mas estamos a assistir numa desvalorização salarial para impulsionar as exportações?**

Achamos que é muito difícil para um país como Portugal competir com os BRIC mesmo que o custo da mão-de-obra se reduza. Neste momento, a situação é muito complicada, no entanto, achamos que isso tem de ser discutido. Consideramos que tem de haver uma capacidade de consumo mínimo para a economia funcionar. Até porque não

acreditamos e consideramos que é um mito pensar-se que a exportação por si só pode fazer o relançamento da economia. Portugal no final deste ano terá um milhão de desempregados. Um país como Portugal tem um desemprego estrutural na casa dos 400 mil, mesmo que as indústrias exportadoras consigam aumentar a sua capacidade em 30 ou 40%, o que é duvidoso porque grande parte dos mercados de destino, sobretudo da Europa, estão em recessão ou estagnação, isso nunca criará mais do que 150 mil a 200 mil empregos. Para haver um desemprego estrutural de 400 mil, será necessário criar mais 300 ou 400 mil empregos.

**Esta contração do consumo não ajuda?**

A CCP desde setembro do ano passado diz que com este tipo de medidas que o Governo está a tomar, dificilmente a contração da economia não será inferior a 4%. O que significa que o desemprego irá caminhar para um milhão de pessoas.

O conjunto de medidas recessivas, algumas necessárias, aliadas a uma mera flexibilidade legislativa na área laboral, não é suficiente para relançar a economia.

**O que é preciso fazer para relançar a economia?**

Há duas questões. Primeiro, tem de haver financiamento. O stock de financiamento é baixo, em parte porque no acordo com a Troika previa que as empresas públicas se financiassem lá fora, o que foi utópico e estas acabaram por ter de se financiar no mercado interno. Segunda questão, Portugal tem uma distorção estrutural de desenvolvimento económico nos últimos anos, cuja face mais visível, é o facto da construção e a fileira da construção (desde os materiais de construção à mediação imobiliária) representar 18% do PIB e ter recebido 60% do crédito concedido pela banca. Em Portugal, a banca tem uma tradição de garantias reais e do mobiliário e tem pouca capacidade de intervenção e dinamização de outros setores. Daí que compete aos Governos, nomeadamente usando a CGD para fazer uma reorientação do financiamento da economia. Por outro lado, os spreads são altíssimos. Neste momento, quem cria emprego em Portugal são as PME e as microempresas, e estas não têm capacidade para se financiar lá fora. A política atual do Governo é claramente insuficiente nesta área.

**A CCP criticou a subida de IVA....**

A subida de IVA, a partir de um certo momento, não gera a receita que teoricamente

se conseguiria. Aliás já se nota ao fim de dois meses que o efeito da retração da atividade económica já gerou uma baixa das receitas de IVA. É irrealista a expectativa de cobrança de taxa de IVA que o Governo colocou.

**E defendeu que era necessário reforçar a competitividade do fiscal. Não foi esse o caminho. O que é necessário para tornar o país atrativo do ponto de vista fiscal?**

Há uma questão que também fomos um bocadinho contra corrente. A nossa falta de produtividade tem haver com a falta de qualificação de mão-de-obra, mas também com a falta de qualificação da gestão. Ou seja, não é por acaso, que a qualificação média dos empresários, até em termos académicos, é mais baixa do que as dos trabalhadores. E não é por acaso que as multinacionais em Portugal têm uma produtividade alta e no tecido empresarial português existem muitas empresas que têm uma morte mais rápida. Nós investimos muito na qualificação da mão-de-obra, mas não investimento na qualificação da gestão. E isto é numa questão chave.

**Afastamo-nos da questão da competitividade.**

A competitividade fiscal é importante, mas mais ainda é haver alguma estabilidade e não mudar as regras todos os anos. Em relação ao conjunto de carga fiscal, que em Portugal não se afasta muito das médias europeias. Há uma malha fina que deveria ser ajustada. Agregado a essa carga fiscal normal, há um conjunto de outros preceitos e práticas que são estranhas para os estrangeiros. Taxas municipais, o IRC que não tem grande peso para o Estado e que poderia ser colocado em plafonds mais baixos e há um conjunto de impostos que incidem sobre os combustíveis, etc., que encarecem os custos das empresas.

**Atrair investimento interno é uma forma de dinamizar da economia. Considera que a reforma laboral é suficiente para atrair novas empresas?**

Esta reforma é um ajustamento interessante e necessário. Estas alterações não são milagrosas, mas têm um conjunto de aspetos positivos. Por exemplo, o banco de horas é uma medida defensiva para uma empresa porque permite fazer um ajustamento das pessoas ao longo do ano. As alterações à legislação parecem-me equilibradas e ajustadas aos tempos que estamos a viver. Além disso, podem ser uma bandeira para mostrar que Portugal está a caminhar para um maior equilíbrio do mercado laboral. ☺

